

Mobilizações dos sentimentos hostis na mídia em torno da morte do ator Paulo Gustavo¹

Isabelle de OLIVEIRA²
Henrique Moreira MAZETTI³
Universidade Federal de Viçosa, Minas Gerais, MG

RESUMO

Neste artigo, apresentamos os resultados de uma pesquisa qualitativa e exploratória que toma, como objeto de estudo, discursos veiculados na mídia envolvendo o falecimento do humorista Paulo Gustavo em decorrência da Covid-19. Analisar como emoções aversivas são articuladas e potencializadas neste meio permite a possibilidade de observarmos como hierarquias de valor e julgamentos morais são negociados na sociedade. O material foi sistematizado a partir de considerações de trabalhos que problematizam as dimensões socioculturais e políticas das emoções (ABU-LUGHOD; LUTZ, 1990; KOLNAI, 1998; BRUDHOLM, 2008; entre outros). Por meio dos textos, identificamos três vertentes do ódio como emoção aversiva, sendo elas: como resposta a uma injustiça; como revanche; e com objetivo moral de aniquilação.

PALAVRAS-CHAVE: emoções aversivas; paulo gustavo; comunicação; mídia; ódio.

INTRODUÇÃO

Entender as emoções como capazes de revelar manifestações políticas e sociais é uma forma crucial de ultrapassar as fronteiras delimitadas pelo senso comum que as atribuem características meramente involuntárias e/ou subjetivas. A sociedade aderiu ao costume de patologizar e medicalizar os sentimentos, resumindo-os a aspectos físico-mentais. Sendo assim, para compreender dinâmicas coletivas e relações de hierarquia e poder, é preciso pensar no conjunto de fatores socioculturais que também exercem influência sobre eles (ABU-LUGHOD E LUTZ, 1990).

Atualmente, o meio digital é considerado como um emblemático campo social suscetível à análise, visto que através dele grupos formados por indivíduos providos de vivências e crenças díspares se reúnem com o objetivo de levantar embates e alterar ordens pré-estabelecidas. Desde que difundidas na *Web*, discussões de cunho crítico têm ganhado ainda mais forças nos últimos anos. Isto é em parte pelo sentimento de

¹ Trabalho apresentado no Intercom Júnior – IJ01 – Jornalismo do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado de 4 a 8 de setembro de 2023.

² Graduanda em Comunicação Social/Jornalismo pela Universidade Federal de Viçosa e bolsista de iniciação científica pelo PIBIC/CNPq. E-mail: isabelle.o.oliveira@ufv.br

³ Professor do Departamento de Comunicação Social da UFV. Doutor em Comunicação e Cultura pela ECO/UFRJ. E-mail: mazetti@ufv.br

injustiça criado e compartilhado entre usuários para gerar repercussão na mídia, um dos espaços em que as emoções são demonstradas, mas também corrigidas e negociadas.

Sob essa perspectiva, o ódio, como exemplo de emoção aversiva, poderia ser validado como uma mobilização orientada tanto à possibilidade de ataque, quanto de defesa, visto que sua função passa a ser determinada pelo articulador da emoção (KOLNAI,1998). O despertar desse sentimento, portanto, encontra explicação em diferentes vertentes, que podem ser direcionadas a reação à dada injustiça – como apresentado anteriormente – e até mesmo defesa motivada por amor.

Neste artigo, analisamos matérias publicadas em veículos jornalísticos brasileiros que destacam reações aversivas suscitadas pela população no contexto que envolve a repercussão gerada sobre a morte do humorista Paulo Gustavo – partindo da ocasião em que foi acometido pela Covid-19, em abril de 2021, até maio de 2022, quando a presidência vetou o projeto de lei Paulo Gustavo, destinado a investimentos culturais. Na intenção de demonstrar as múltiplas possibilidades de entender das emoções, o contexto discutido foi dividido em recortes com base nos diferentes objetos aos quais elas foram direcionadas.

A pesquisa de caráter exploratório contou com a análise de quarenta e dois textos, que foram coletados, selecionados por categorização, e por fim, interpretados com apoio teórico de estudiosos das emoções em diferentes campos, como comunicação, história e antropologia (o norte principal foi dado através das teses de REZENDE E COELHO, 2010; ABU-LUGHOD; LUTZ, 1990; TURNER E KILLIAN, 1972; KOLNAI, 1998, BRUDHOLM, 2008). As matérias foram elucidadas a partir de perguntas como: Quais emoções e ações foram negociadas e/ou mobilizadas? Quem são os sujeitos e objetos da narrativa? Quais as expectativas sociais vigentes?

Através da análise do material foi possível identificar a existência de diferentes vertentes que podem levar à mobilização do ódio, isto é, justificativas advindas de contextos distintos que fornecem base para que vejamos a maneira com que relativismo é representado no meio midiático. Além de sistematizar pautas de grande relevância na atualidade sob uma ótica sociocultural, os textos também reforçaram a concepção do ódio como uma emoção aversiva direcionada a um desejo de condenação e repúdio.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Compreender as emoções faz parte de um embate que perdura no meio acadêmico desde que foram introduzidas como objeto de estudo, ou seja, alvo decifrável. Dito isso, na tentativa de decodificar as emoções, estudiosos se voltaram às teorias. Como base para compreender este estudo, vamos recorrer a quatro importantes linhas de pensamento desenvolvidas, sendo elas: essencialista, historicista, relativista e contextualista. Abu-Lughod e Lutz (1990) explicam sobre quais fundamentos tais correntes se apoiaram no decorrer do tempo para entender as emoções.

O existencialismo é uma das correntes de pensamento que exemplifica a perspectiva essencialista das emoções. Neste, as emoções teriam caráteres universal e natural, isto é, iguais para todas as pessoas, lugares e situações, se tornando assim, invariável. Segundo as autoras, essa visão é responsável por criar certa invisibilidade das emoções como um problema já que o senso comum interrompe a elaboração de uma discussão. Essa teoria pode ser exemplificada pela noção de corpo (físico) em estreita ligação com a mente (emocional) – muito pertinente nas esferas da psicologia e psicanálise.

Outra forma de compreender as emoções é considerar o âmbito da construção cultural, presente no historicismo e relativismo, sendo que o primeiro seria voltado a comparações entre recortes históricos e/ou temporais e o segundo, entre aspectos culturais envolvidos da atualidade. Abu-Lughod e Lutz (1990) definem que os fatores culturais representam uma parcela significativa na colaboração para os estudos das emoções, embora não seja a única, já que a temática também permeia aspectos relacionados ao discurso, tais como: interações, hierarquias e configurações de poder da esfera social pública.

Partindo deste pressuposto, as autoras defendem que o contextualismo é a corrente que considera todos esses fatores ao analisar as emoções, o que torna possível estabelecer as mesmas como vulneráveis a sofrer diferentes estímulos, portanto, não incapazes de serem generalizadas. Desta maneira, manifestações de ódio, ressentimento, medo, e entre outros, devem ser avaliadas por meio de todas as suas especificidades, dispensando a existência de uma teoria que confira significado intrínseco a elas.

Através da identificação sobre como os modos de aversão se mostram presentes na sociedade, Kolnai (1998) aprofunda nesta discussão colocando o ódio como uma emoção que pode ser utilizada para se atingir diferentes objetivos. Um deles é o ódio

como estímulo para impactar e/ou destruir determinado objeto. A partir disso, o ódio poderia acarrear inquietação na estrutura vigente, e quanto ao objeto odiado, exercer intenção de aniquilação ou apenas repúdio; desejo de afastamento. Por outro lado, o ódio ao objeto também pode estar atrelado a uma demonstração de afeto em defesa de alguém/algo amado e que foi escopo de um aborrecimento, o que Turner e Killian (1972) denominam como “sentimento de injustiça”.

Desta maneira, o ódio pode ser visto como uma resposta moral em resguardo às vítimas e testemunhas de atrocidades ou maldades reais protagonizadas por um agente o qual a existência é abominada. Brudholm (2008) encarrega a essa explicação o termo “ódio reativo retributivo”, e acrescenta sobre a incerteza deste ser ou não moralmente justificável. O autor ainda compara o ódio com o ressentimento e jogo de interesses despertados por ele.

O que está em aposta no ressentimento podem ser nossos interesses ou direitos, nossa autoestima ou nosso autorrespeito e dignidade, mas seria enganoso dizer que o ressentimento é apenas sobre a manutenção do eu. O que também está em jogo são sempre as normas de convivência com a pessoa contra quem o ressentimento é direcionado (BRUDHOLM, 2008, p. 303).

Percebemos então, que as emoções aversivas são arranjos nos quais as pessoas podem se apoiar para manifestarem e mobilizarem reações dentro dos contextos vivenciados por elas. Segundo Rezende e Coelho (2010), ao adentrar no conceito de “micropolítica das emoções”, conseguimos por fim, avaliar a ampla capacidade que estas possuem de dramatizar, reforçar ou alterar macro relações ao perpassar por contextos socioculturais.

METODOLOGIA DE PESQUISA

Na busca por um objeto capaz de representar as diferentes formas como sentimentos hostis podem ser manifestados e responsáveis por suscitar reações na mídia, o contexto escolhido para o desenvolvimento desta pesquisa foi a morte do artista Paulo Gustavo em decorrência da Covid-19.

O estudo foi desenvolvido através de uma análise qualitativa e exploratória, dividida em etapas. O estopim foi marcado pela eleição do material midiático que viria a ser posteriormente coletado. A preferência se deu por notícias vinculadas em portais e jornais de referência nacional. Para estabelecer o recorte temporal foi considerada como início a data de falecimento do ator, em maio de 2021 e para marcar o término, a

ocasião em que o governo, na figura do presidente Jair Bolsonaro vetou o projeto de Lei Paulo Gustavo que repassaria R\$ 3,8 bilhões à Cultura.

Para recuperar as notícias foram realizadas buscas nos repositórios e acervos on-line de veículos jornalísticos brasileiros. Nesta fase foi utilizado o sistema de busca *Google Notícias*, e entre as palavras-chave pesquisadas estão: ódio, raiva, comoção e reações. Outra estratégia adotada para a fase de coleta foi recorrer às seções de notícias relacionadas ao assunto levantado e *hiperlinks* que constavam nas matérias inicialmente selecionadas. Ao todo foram coletadas quarenta e duas matérias, pertencentes a veículos jornalísticos associados ao partidarismo de esquerda, como também de direita. Após o agrupamento destas notícias, foi realizada a sistematização dos dados através de um esquema de grade análise, dividido em tópicos:

a) Identificação do material encontrado: do que se tratava, portal/jornal o qual foi vinculada e data de publicação;

b) Emoções mobilizadas e negociadas: modo como os textos ou os comentários presentes na matéria foram responsáveis por mobilizar sentimentos hostis de maneira explícita (verbalizando algum tipo de emoção aversiva), ou implícita (representada pelo modo como a notícia foi divulgada ao público);

c) Sujeito da emoção: responsável por despertar uma emoção ao fato;

d) Objeto da emoção: quem ou o que recebeu a emoção aplicada pelo sujeito;

e) Qual foi o tipo de ação cobrada/justificada/mobilizada: maneira de identificar a razão da aplicação da emoção;

f) Expectativas sociais vigentes: o que provavelmente se esperava atingir através da manifestação das emoções.

No entanto, de todo o acervo categorizado, apenas dezesseis matérias foram escolhidas para serem analisadas em profundidade, já que muitas apenas faziam uso de termos distintos para tratar sobre o mesmo tema, ou ainda, reproduziam o conteúdo disposto em outras com informações mais completas. Na última etapa, foi construída uma segunda grade, desta vez plenamente direcionada com a presença de trechos dotados de relevância nas matérias e que foram utilizados como marcadores para justificar as conclusões do estudo.

ANÁLISE

Na busca por notícias que relacionassem o meio midiático como um espaço no qual os indivíduos pudessem expressar o que sentiam no contexto da morte do artista Paulo Gustavo, vítima da Covid-19, foi possível notar durante a pesquisa que a maioria das matérias encontradas apontavam para um descontentamento por parte dos sujeitos. Em suas páginas, os veículos jornalísticos explorados mostravam que essa manifestação de aversão estava voltada a diferentes objetos, mas todos eles a nomeavam de uma só forma: ódio. Por isso, neste estudo analisamos as dimensões do ódio e buscamos compreendê-lo como um símbolo capaz de gerar conturbação no meio.

A teoria de que as emoções não são pré-determinadas, mas suscetíveis a interpretações diante dos contextos socioculturais nos quais se inserem, direcionou a divisão desta seção de análise à categorização dos recortes selecionados sob três direcionamentos de ódio. São eles: como resposta dada a uma injustiça, tendo como aporte o conceito de ódio retributivo, de Brudholm (2008); como forma de revanche; e por fim, o ódio com objetivo moral de aniquilação.

Ódio como resposta dada a uma injustiça

Uma maneira de classificar as matérias que demonstravam certo estímulo ao ódio foi perceber que a maioria delas tratava sobre falas e ações de ataque ao governo federal, no entanto, essa alusão geralmente era feita por menções diretas ao nome de Jair Bolsonaro. Nas declarações em rede, usuários (como fãs, familiares, amigos e pessoas públicas) que tinham apreço por Paulo Gustavo, lamentavam a morte do artista ao mesmo tempo em que culpavam o governo pelo acontecido. É o que Brudholm (2008) denomina de ódio retributivo, expresso como demonstração de ressentimento e ânsia por maneiras de vingar uma injustiça.

Ao questionarmos o motivo da responsabilização dada ao governo pela morte, notamos um consenso no discurso promulgado: as medidas de combate tomadas pelo estado em relação ao combate da Covid-19 descritas como imprudentes e ineficazes, e com isso, o carismático humorista teria sido uma das vítimas que veio a sofrer com as consequências. Entre as ações reivindicadas pela população nas redes sociais, destacam-se: a falta de implementação de medidas de distanciamento social mais rígidas, atraso no lançamento de um programa de imunização, recusa da compra em primeira mão da

vacina chinesa e estímulo à utilização de remédios não comprovados cientificamente como eficazes para a doença.

Entre as manchetes das matérias selecionadas para análise neste tópico, estão: *A morte política de Paulo Gustavo* (Carta Capital, 2021), *Morte de Paulo Gustavo catalisa ódio contra Governo Bolsonaro por má gestão da pandemia* (El País Brasil, 2021), *Após morte de Paulo Gustavo, Fátima Bernardes se revolta: "Não adianta chorar e fazer festa, aglomerar"* (Yahoo, 2021), *"Canalha", "Genocida": reação por morte de Paulo Gustavo responsabiliza Bolsonaro* (Brasil de Fato, 2021), *"À dor da perda do humorista, somam-se raiva e frustração"* (El País Brasil, 2021) e *Lei Paulo Gustavo: veto de Bolsonaro repercute entre familiares do autor* (Correio Brasiliense, 2022).

Em representação ao grupo, a análise será aprofundada no artigo de opinião *A morte política de Paulo Gustavo* (Carta Capital, 2021), em que o autor coloca Paulo Gustavo como um símbolo que suscita revolta em nome de todas as mortes ocasionadas pelo vírus SARS-CoV. "O humorista passa a ser um símbolo coletivo. Não apenas como 'ídolo que morre antes do tempo', mas como mártir da Covid-19". Isso é, dentro do contexto, não se tratava de um caso isolado, mas uma forma de demonstrar o luto coletivo, e principalmente, político. Assim, o impacto externalizado no meio midiático através da morte de Paulo Gustavo pode ser visto como um movimento social e político com objetivo de demonstrar a desaprovação da população para com as decisões governamentais estabelecidas no período pandêmico.

Na morte de Paulo Gustavo, a violência foi ressignificada. Não se trata de uma vida ceifada num acidente, mas de uma morte provocada pelos efeitos de uma infecção viral que já tirou a vida de mais de 410,000 brasileiros. A violência, então, é sentida no acúmulo das mortes e, principalmente, pelas circunstâncias nas quais essas elas têm ocorrido (*A morte política de Paulo Gustavo*, Carta Capital, 2021).

Outro enfoque explorado foram os artifícios utilizados pelos usuários na mídia como forma de demonstrar descontentamento perante as atitudes conferidas ao estado. Dentre eles, destaca-se o ataque direto ao ex-presidente Jair Bolsonaro através do emprego de termos de baixo calão, visando o insulto. No decorrer da análise notamos esta atribuição da culpa à figura de Jair Bolsonaro também significou culpar tudo que ele demonstrava representar em seu discurso, ou seja, ideais conservadores. "Apesar dos cuidados que tomou, Paulo Gustavo se infectou num país onde o presidente é um

negacionista militante. A morte de Paulo Gustavo, portanto, não é uma mera fatalidade, mas um acontecimento político” (Carta Capital, 2021).

Diante destas conclusões, foi possível identificar na maior parte desses discursos a referência ao ódio. Nas é perceptível o desejo da população em afastar e/ou eliminar o objeto do descontentamento ao fazer uso da emoção. Por outra via – e para sustentar o propósito deste estudo em entender as diferentes dimensões das emoções – o ódio não se resume a uma emoção relacionada somente ao discurso de ataque. (KOLNAI, 1988). Através dos textos percebemos o ódio como uma emoção utilizada em defesa de algo/alguém pelo qual se tem apreço, que neste caso é representado por Paulo Gustavo. Nas matérias, os mesmos indivíduos que mostravam simpatia, e/ou muitas vezes diziam amar o artista, falavam em ódio ao objeto culpado (o governo) mostrando que o sentimento de justiça, motivado majoritariamente pela afeição, atuou em defesa do humorista e em oposição ao estado.

Um exemplo foi que na ocasião da morte do ator, o presidente prestou condolências via *internet* e em decorrência dessa revolta social, recebeu duras críticas. Na sequência, em abril 2022, complementando quase um ano da morte do artista, Bolsonaro vetou o projeto de lei Paulo Gustavo, de autoria de Paulo Rocha – senador que na época representava o Partido dos Trabalhados (PT) no Pará. O texto previa a liberação pelo Poder Executivo de cerca de três bilhões para o setor audiovisual e mais de um bilhão para outras atividades culturais do país. Ele havia sido aprovado pela Câmara em fevereiro e em março, pelo Senado. O veto foi um adicional; um motivo extra para que a população destilasse ódio ao ex-presidente, afinal, considerando o discurso anteriormente proposto, simbolizava mais medida irresponsável que tinha ligada à dualidade Bolsonaro e Paulo Gustavo.

Em síntese, por meio desta seção é notório o ódio como expressão de indignação perante uma situação de injustiça. O sujeito se vê impossibilitado de ficar sem demonstrar seu descontentamento perante a uma situação ou forma como um objeto é tratado.

Ódio como revanchismo

Ao contrário da primeira seção de análise, que não tem por objetivo criticar o ódio, outra maneira de categorizar parcela das matérias coletadas, considerou esta emoção como uma revanche; uma falha de caráter dos indivíduos para com outrem.

Para isso, foram analisadas as notícias que expressavam apoio a Jair Bolsonaro e às decisões tomadas durante seu mandato (1 de janeiro de 2019 – 31 de dezembro de 2022) que envolviam a pandemia do Covid-19. Dentre o material selecionado, o artigo de opinião “Usar um bode expiatório para o que aconteceu com Paulo Gustavo é condená-lo de novo à morte”, publicado em 2021 pela Jovem Pan, se destaca e será analisado como representação para todas as outras notícias que compartilham da mesma ideia.

Neste artigo de opinião, o autor promove uma comparação entre Jair Bolsonaro e um bode expiatório, expressão utilizada para tratar sobre alguém que é culpado por algo que não fez ou que outra pessoa tenha feito, ou, como o autor define pela mitologia “o bode expiatório é aquele animal sacrificado em nome da salvação de todos. Um inocente que expurga as culpas e pecados de todos”. Assim, no decorrer da leitura, passamos a perceber o ódio e o sentimento de injustiça sob outra ótica, como alvos de crítica, julgados como um radicalismo desnecessário e desumano. Isto fica bem evidenciado neste trecho: “matar um bode expiatório é a maneira como as pessoas não conseguem lidar com problemas insolúveis— como a morte em si”.

O texto traduz a ideia de que o ódio ganhou proporção em decorrência do ressentimento sentido, e cria o embate de que ao ressentir, não caberia às pessoas agirem com brutalidade (FASSIN, 2013), principalmente, quando se alega que é por razão do amor, ou como discutimos no tópico anterior, uma forma de defesa ao quê ou a quem amamos. Assim, no contexto analisado, a culpa deixa de ser atribuída ao presidente para ser realocada a quem faz uso do ódio para atacá-lo: “Somado ao sangue do bode, há os oportunistas que se alimentam das mortes de inocentes para se cacifar como heróis, matando várias vezes o bode e subindo nos cadáveres das vítimas da pandemia para fazer um discurso de ódio em cima do pretenso amor às vítimas”.

Esse discurso ganha ainda mais sentido quando somado ao nome de Paulo Gustavo. O autor faz menção ao artista como alguém que em vida pregava amor, e por isso, “aproveitar” da sua morte usando do ódio para atacar o presidente seria como matá-lo outra vez, ou seja, matar seus ideais.

Quando uma pessoa se utiliza da morte de Paulo Gustavo - um homem que pregou um amor como cura para as mazelas humana - para condenar, massacrar e humilhar pessoas sem culpa e ainda tirar proveito pessoal deste ódio, esta pessoa está matando mais uma vez Paulo, pelo assassinato do amor que o humorista pregou. (Usar um bode expiatório para o que aconteceu com Paulo Gustavo é condená-lo de novo à morte, Jovem Pan, 2021).

Em síntese, esta seção adiciona ao ódio a dimensão de revanche a favor de um objeto vítima de um discurso negativo.

Ódio com objetivo moral de aniquilação

Assim como na segunda seção, nesta categoria as notícias foram separadas com base na crítica ao ódio, mas, este direcionado a outro objeto, o ator Paulo Gustavo. Ao fazer uma análise sobre uma pessoa, é necessário levar em consideração não somente suas características próprias e individuais – que a torna única, mas tudo aquilo que ela representa e compartilha no contexto sociocultural em que vive, por isso, para esta seção foram selecionados textos que tratam sobre a hostilidade – agir negativamente (agressão, oposição, inimizade, etc.) em relação a algo ou alguém e/ou até mesmo no que se refere a um pensamento ou atitude.

Assim, para analisar situações que envolvem Paulo Gustavo é também preciso explorar a participação de fatores que envolvem o grupo minoritário que ele representa. O artista se declarava publicamente como homossexual, ou seja, uma pessoa que sente atração por alguém do mesmo gênero. Em 2014, o artista se casou com o dermatologista Thales Bretas e com ele dividiu a criação de seus dois filhos, Gael e Romeu, nascidos por inseminação artificial através de uma barriga de aluguel. Paulo Gustavo nunca escondeu sua orientação sexual, pelo contrário, reforçava diariamente essa parte da sua identidade através de seus discursos.

Na sociedade contemporânea ainda é muito comum presenciarmos situações que envolvem crime de ódio contra a população LGBTQIA+, seja por violência física, moral ou psicológica, se não, através de julgamentos pessoais internalizados. Isso acontece majoritariamente em virtude do preconceito. Com adoção de um discurso que prega o conceito de família ideal conservadora, Jair Bolsonaro e seus apoiadores são exemplos que sinalizam a não concordância com uma orientação sexual que se mostre diferente dos parâmetros heteronormativos, isto é, que fuja à ideia de que somente relacionamentos entre pessoas do mesmo sexo podem ser considerados corretos.

Sendo assim, ao prestar condolências pela morte de Paulo Gustavo, o ex-presidente foi representado por meio de mobilizações sociais midiáticas como uma pessoa contraditória, afinal, se seu discurso era uma resposta de ameaça à minoria LGBTQIA+, ele então estaria se aproveitando do acontecimento como forma de demonstrar uma humanidade inexistente. A matéria *Jair Bolsonaro presta homenagem*

a *Paulo Gustavo e web desaprova*, disponibilizada pelo portal Catraca Livre, em 2021, associa as declarações homofóbicas já feitas por Bolsonaro como justificativa ao ódio que o estava sendo direcionado.

Para além dos casos exemplificados até este ponto do estudo, nesta categoria escolhida para análise também é possível enxergar outra percussão do ódio. A partir desse ponto, começamos a ver a emoção sendo mobilizada por terceiros contra Paulo Gustavo com objetivo de aniquilação, ou seja, a impossibilidade de se viver em um mundo junto a ele. Nos casos identificados, o preconceito é o elemento destaque para essa ideia de ódio moral (KOLNAI, 1998). Em *Justiça condena pastor que desejou morte de Paulo Gustavo por homofobia* (Uol, 2021), essa narrativa é protagonizada pelo Pastor José Olímpio que afirmou na época ter orado pela morte do ator em abril de 2021. Pelo crime de homofobia (notada a relação entre preconceito moral verbal e o ódio explícito), o autor foi condenado pelo Tribunal de Justiça de Alagoas (TJ-AL). Situações como essas são pautadas no relativismo das emoções, que comprova teoricamente a ligação do ódio com questões socioculturais (ABU-LUGHOD; LUTZ, 1990).

Da mesma maneira que o ódio foi mobilizado pela população como forma de condenar e punir o ex-presidente Jair Bolsonaro por suas decisões políticas no período da Covid-19, ele também foi usado para com Paulo Gustavo. Em matéria do mesmo ano publicada pelo Portal Uol de notícias, conseguimos perceber o caráter negativo e desejo por aniquilação e punição consequente da homofobia através de uma fala da atacante do Palmeiras conhecida como “Chú Santos”. Em seu pronunciamento, ela compara a morte do cantor Antônio Lázaro com a de Paulo Gustavo, ambas vítimas do vírus da Covid-19: “Beleza, morreram pelo mesmo vírus, a diferença é: que Lázaro foi para o céu e Paulo Gustavo para o inferno”. Analisando esse episódio dentro do contexto determinado por algumas religiões, podemos notar a dualidade entre céu e inferno, e consequentemente, quais critérios seriam importantes para definir o destino após a morte. Evidentemente, para Chú, o humorista herdaria o inferno por não compactuar com valores cristãos – que definem um casal apenas como a relação entre homem e mulher, enquanto Lázaro seria levado ao céu, afinal, em vida sempre mostrou concordar com os preceitos religiosos. Nessa perspectiva, concluímos que o sentimento de ódio teria suscitado um desejo por um castigo e este foi representado pela condenação ao

inferno; a demonização do relacionamento homossexual. Chú recebeu muitas críticas nas redes sociais por aqueles que atuavam em defesa de Paulo Gustavo.

Em síntese, por meio desta seção o ódio é estabelecido como uma emoção ligada ao anseio por uma forma de condenação; como uma demonstração clara de que para o sujeito do discurso é impossível viver em um mesmo mundo que o objeto odiado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora algumas teorias reforcem que emoções mobilizadas dentro do meio social façam parte de um processo limitado e fechado à experimentação do “novo”, através desta análise sobre as dinâmicas envolvidas em torno da morte de Paulo Gustavo, passamos a questioná-las por além de um viés histórico e/ou relativista, mas como a soma destes com reflexos de contextos vivenciados pelos indivíduos do coletivo – com base nas experiências individuais adquiridas por eles no decorrer da vida (ABU-LUGHOD; LUTZ, 1990). Percebemos as emoções como capazes de justificarem reações, assim como direcioná-las, ou seja, um campo não só existente, mas percussor de uma pluralidade de sentidos que podem ser analisados com base em discursos socioculturais existentes.

A partir do estudo das matérias repercutidas na ocasião, foi possível tomar o ódio como um exemplo dos múltiplos significados aos quais as emoções estão sujeitas. Ao dispor os textos encontrados sobre três categorias desta emoção, sendo elas: como resposta a uma injustiça, como revanchismo; e com objetivo moral de aniquilação.

Assim, ao focar em estímulos que podem levar à agitação e por fim, ao despertar do ódio, foi possível identificar neles o desejo por retratação e/ou punição, como: um sentimento comum à injustiça compartilhado com um grupo social (TURNER E KILLIAN, 1972), busca de defesa para o quê/quem se tem um apreço ou identificação (KOLNAI, 1998) e em terceiro, como um estímulo derivado do ressentimento, capaz de resultar até mesmo em crimes de ódio, como a injúria (BRUDHOLM, 2008).

Apontar as emoções como um aspecto de compreensão da realidade, e ter ciência das diferentes e amplas dimensões que alcançam – cada qual a partir de suas especificidades – é fundamental para uma análise mais profunda e atenciosa de discursos vigentes que colaboram para a vida em sociedade. Dessa maneira, permitimos averiguar a forma como nos portamos e como outras pessoas agem, além do impacto

que ações e pensamentos causam no espaço social em que vivemos – essencial para significar; sistematizar, se não, denunciar acontecimentos que nos cercam.

REFERÊNCIAS

ABU-LUGHOD, Lila; LUTZ, Catherine A. **Introduction: Emotion, discourse, and the politics of everyday life.** In: ABU-LUGHOD, Lila; LUTZ, Catherine A. (Orgs.). *Language and the politics of emotion*, v. 1, p. 1-23, 1990.

AHMED, Sarah. **The cultural politics of emotion.** Nova Iorque: Routledge, 2012.

BRUDHOLM, Thomas. **Resentment's virtue: Jean Améry and the refusal to forgive.** Filadélfia: Temple University Press, 2008.

FASSIN, Didier. **On resentment and ressentiment: the politics and ethics of moral emotions.** *Current Anthropology*, v. 54, n. 3, p. 249-267, 2013.

FREIRE FILHO, João; ANJOS, Júlia dos; LOPES, Amanda R. **A ocultação do ódio: mídia, misoginia e medicalização.** In: HELLER, Barbara; CAL, Danila; ROSA, Ana Paula da. (Org.). *Midiatização, (In)tolerância e Reconhecimento.* Salvador: EDUFBA, p. 61-81, 2020.

GALLEGO, Esther Solano (Org.). **O ódio como política: a reinvenção das direitas no Brasil.** São Paulo: Boitempo, 2018.

KOLNAI, Aurel. **The standard modes of aversion: fear, disgust and hatred.** *Mind*, v. 107, n. 427, p. 581-596, 1998.

LOFLAND, J. 1981. **Collective Behavior: The Elementary Forms.** Pages 411-446 in *Social Psychology: Sociological Perspectives*, M. Rosenberg and R. H. Turner. New York: Basic Books.

MARWELL, G., OLIVER P. 1984. **Collective Action Theory and Social Movements Research.** P. 1-27 in *Research in Social Movements, Conflicts and Change*, vol. 7, edited by Louis Kriesberg. Greenwich, CT: JAI Press.

OLIVER, P. **The Mobilization of Paid and Volunteer Activists in the Neighborhood Movement.** P. 133-170 in *Research in Social Movements, Conflicts and Change*, vol.5, edited by Louis Kriesberg. Greenwich, CT: JAI Press, 1983.

REZENDE, Claudia Barcellos; COELHO, Maria Claudia. **Antropologia das emoções.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

ROSENWEIN, Barbara H. **História das emoções: problemas e métodos.** São Paulo: Letra e Voz, 2011.

SOLOMON, Robert C. **True to our feelings: What our emotions are really telling us.** Nova Iorque: Oxford University Press, 2008.

TURNER, Ralph H., KILLIAN, Lewis M. **Collective Behavior.** 2nd ed. Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall, 1972.



Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – PUCMinas – 2023

TURNER, Ralph H. **The Public Perception of Protest.** American Sociological Review, 34:815-831, 1969.